

Trabalho e crise do trabalho: uma abordagem crítica

Júlio César Campano Floriano¹

A partir da década de 70 ganhou espaço a expressão *crise do trabalho*, como novo paradigma de compreensão da vida social. Isto se expressava através da mundialização do capital e seus desdobramentos: Aumento do desemprego e do sub-emprego, flexibilização do trabalho, perda de direitos trabalhistas, aumento da exploração do trabalho e um aprofundamento da crise organizacional dos sindicatos e partidos de esquerda.

Apressadamente, uma gama de autores buscaram entender essa crise, não como decorrente de uma crise cíclica e estrutural do capitalismo, mas sim como uma crise do trabalho em si. Para estes autores, o elemento central dessa crise, refere-se a **não-centralidade da categoria trabalho** na sociedade contemporânea, impulsionada por transformações culturais e subjetivas no ser social (uma negação do trabalho como único valor social) e pelas transformações empíricas do capital no mundo do trabalho (aumento do desemprego, flexibilização, microeletrônica, etc...). Essas transformações empíricas, políticas e culturais, levaram uma parte dos intelectuais a problematizarem e compreenderem a sua época, como uma fase em que o capitalismo chegara ao limiar de liberar a mão-de-obra e conseqüentemente deslocar a centralidade do trabalho nas relações sociais². Influenciados por um determinismo econômico e tecnológico, o processo de superação do modo de produção capitalista não se daria

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina.

² André Gorz, *Adeus ao proletariado. Para além do socialismo*, Rio de Janeiro, Forense, 1982; Claus Offe, *Trabalho e sociedade. Problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro 1989; Robert Kurz, *O colapso da modernização*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993; Jürgen Habermas, *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa, Dom Quixote, 1997; Alain Touraine, *A sociedade pós-industrial*, Porto, 1981.

— | | —

— | | —

pelo movimento dialético das classes sociais colocadas em contradição pelo capital, mas sim pelo desenvolvimento da tecnologia que libertaria o homem do trabalho. A extinção do trabalho provocada pelo desenvolvimento tecnológico do capital – extinção esta que seria desejável para o homem, considerando as transformações subjetivas sobre sua concepção de trabalho – solaparia o conflito capital-trabalho e levaria objetivamente a uma sociedade do tempo liberado, onde o trabalho seria substituído pela atividade livre³.

Por um lado as análises das transformações do mundo do trabalho – tomando essa perspectiva de *crise do trabalho* – no processo de superação do capitalismo têm sido distorcidas e utilizadas como justificativa do reformismo nos partidos e intelectuais de esquerda. Por outro, se entendermos que o trabalho é o que confere unidade e movimento a classe trabalhadora e seguirmos a linha de raciocínio dos teóricos da *crise do trabalho*, o papel do proletariado também estaria sendo relegado a um plano secundário na sociedade moderna.

Um novo projeto político coloca-se para o proletariado: ter uma ação sobre trabalho (tal qual ele se apresenta atualmente) como: reduzi-lo em tempo e quantidade e dividir os benefícios de sua racionalização. Delineia-se, assim, o advento de uma sociedade pós-industrial onde as demandas econômicas não são mais as únicas⁴. A possibilidade do proletariado em ser o sujeito do processo de superação do conflito capital-trabalho não mais se justifica, considerando a nova configuração do trabalho na sociedade atual, que não mais confere unidade e movimento de classe aos proletários.

Se entendermos que a superação do capitalismo somente pode ser levada a cabo por aqueles que sofrem os efeitos do avanço da degradação do trabalho, é necessário rever essa vertente de análise, considerando que o trabalho, e ainda, a classe proletária, não se demonstram em via de desaparecimento, como apontam as perspectivas da crise do trabalho. Pressupomos que é neste ponto que os autores mencionados são imprecisos. Ao apontarem uma não – centralidade do trabalho na sociedade contemporânea, **não estariam incorrendo em uma visão imediatista e uma análise reducionista e imprecisa da nova configuração do mundo do trabalho? Desse modo, como refletir a anunciada “crise do trabalho” retomando o pensamento marxista neste contexto de capitalismo mundializado?**

— | | —

— | | —

3 Gorz, op. cit.

4 Daniel Bell, *O advento da sociedade pós-industrial*, São Paulo, Cultrix, s/d; Touraine, op. cit.